

A criminalização do aborto *versus* Um milhão de abortos por ano no Brasil: isto não é uma partida de futebol!

Introdução

Pesquisas recentes apontam a estimativa da realização de um milhão de abortos por ano no Brasil (Pesquisa 20 anos). Ao mesmo tempo, o Código Penal tipifica os casos de aborto como crime. Assumimos que o aborto é um fenômeno com raízes históricas, cuja existência e manutenção chamam atenção para o que dele se fala e se sabe no presente. Partimos do momento atual em que se registram números alarmantes de procedimentos de interrupção voluntária da gravidez, a despeito de ser considerado crime de acordo com o Código Penal vigente.

Tal prática só passou a ter status de crime no Brasil Império, com a promulgação do Código Criminal do Império de 1830. Contudo, sobre o referido código paira dúvidas se o mesmo somente condenava terceiros que praticavam aborto com o consentimento da mulher ou se também condenava a mulher que praticava aborto em si mesma (auto-aborto), uma vez que o dispositivo legal era obscuro quanto aos sujeitos passivos do referido crime. (EMMERICK, 2008, p. 57)

Passado mais de um século, deparamo-nos com uma legislação que continua insuficiente, embora tenha agregado elementos que “legalizam” algumas situações de aborto, quais sejam, de risco eminente à vida da mulher, estupro e, mais recentemente, da anencefalia.

Importa ainda reconhecer a quase total inoperância da aplicação das leis.

ARDAILLON

Trata-se de um fenômeno amplamente disseminado em nossa sociedade (democratizado), mas que estimula debates intensos em espaços públicos e institucionalizados assim como interfere na vida íntima de grande número de pessoas.

Configura-se uma espécie de arena em que diferentes grupos disputam espaço, querem ter razão e esboçam opiniões.

De um lado, temos pessoas e grupos CONTRA a descriminalização/legalização do aborto que se expressam em diferentes setores da sociedade como políticos, religiosos, médicos, além das mais diversas pessoas que se manifestam informalmente e, mais recentemente, reproduzem suas opiniões em redes sociais que, por serem públicas, oferecem acesso a tais relatos. Do outro lado, temos as pessoas e grupos A FAVOR, que transitam pelos mesmos espaços institucionais ou não dos citados anteriormente.

A pesquisa

Para elaborar esta apresentação nos baseamos na tese de doutorado “Dilemas da (sobre) vida: o aborto”, defendida recentemente no âmbito do Programa de Pós-graduação em História Social da FFLCH-USP. O estudo tem como pressupostos teóricos e metodológicos a história oral e contemplou a análise de 16 narrativas provenientes de entrevistas de história de vida realizadas com 13 mulheres e três homens que vivenciaram a experiência de abortos induzidos em sua trajetória ou se manifestam publicamente sobre o tema.

Dentre as diversas possibilidades de apreciação do material coletado, selecionamos para esta ocasião elementos que fizeram parte de nossa pesquisa bibliográfica em conexão com os relatos dos colaboradores do estudo que permitem entrever verdadeiro embate de concepções acerca do aborto no Brasil contemporâneo. Embora sejamos o país do futebol, este certame nada tem de semelhante, como procuraremos demonstrar adiante.

Aspecto político

Com relação ao ambiente político é evidente a disputa entre grupos favoráveis e contrários a medidas que giram em torno do aborto.

Congresso

Eleições

Demanda há muito tempo levantada por movimentos de mulheres, especialmente as feministas, temos em nosso corpus documental o relato da militante Amelinha Teles quando, durante a Constituinte de 1988, atuou em favor da legalização do aborto.

No momento da defesa, uma representante da igreja fez sua apresentação genericamente, com um discurso conservador e

sem grandes efeitos. O discurso inovador ali era o meu mesmo! Defendia a legalização do aborto com todos os pingos nos “i”s e sem o apoio dos partidos políticos, que tinham medo de se comprometer. Lembro que somente dois deputados me deram apoio: um do PT de Minas Gerais e outro do PDT de algum estado do norte do país que agora não recordo... Eles me ouviram até o fim e depois defenderam a proposta. Em compensação, fui acusada de aborteira e assassina por uma lacerdista chamada Sandra, que conheci no Rio de Janeiro. Uma mulher terrível, da ultra-direita, que defendeu o golpe junto com o Lacerda, conhecida por “limpar” a cidade, jogando mendigos no Rio Guandu para diminuir os moradores de rua que “enfeiam” a cidade... Foi muito duro, um momento de sofrimento solitário! Mesmo assim, fui até o fim, como sempre faço. Se tenho uma tarefa, vou até o final!

Religião

Ainda no contexto político, algo que reverbera no senso comum é de que a religião é contra o aborto. Se temos a atividade insistente de membros parlamentares pautados em convicções pessoais religiosas atuando sobre o aborto, é preciso desmistificar o suposto religioso em sua amplitude íntima e coletiva.

Hoje em dia, a “luta religiosa” refere-se quase sempre a ocorrências bastante externas, a processos ao ar livre que acontecem em praça pública – choques em velas, audiências em tribunais superiores. [...] Políticas de imigração, problemas das minorias, currículos escolares, observância do sabá, xales para cobrir a cabeça e debates sobre o aborto. (GEERTZ, 2001, p. 151)

Desta maneira, é inegável a centralidade das questões religiosas nas vidas das pessoas, tanto no que se refere ao seu aspecto íntimo quanto às relações estabelecidas em níveis mais amplos, influenciando comportamentos e as noções relativas às identidades. A pluralidade religiosa, portanto, não pode ser ignorada.

O movimento das identidades religiosas em direção ao centro da vida social, política e até econômica talvez esteja disseminado e crescendo, tanto em escala quanto em importância. Mas não é um fenômeno unitário, a ser uniformemente descrito. Existem tantas variedades de “experiência religiosa”, ou, se quisermos, expressões da experiência religiosa, quantas sempre existiram. (GEERTZ, 2001, p. 164)

Variante expressiva e controversa tem sido pautada pelo grupo “Católicas pelo Direito de Decidir”. Embora seja um grupo que assume uma religiosidade, sua agenda política remete à contestação dos pressupostos tradicionais, como evidencia o relato de uma de nossas colaboradoras, que insere na discussão a Teologia Feminista:

A Teologia Feminista, assim como o feminismo, surge na contramão. A Teologia Feminista na contramão de instituições religiosas fundamentais e na contramão de homens, em uma sociedade tanto religiosa quanto política e socialmente masculina. São séculos e séculos para desconstruir um corpo hegemônico, que faz parte do trabalho dessa corrente. Por isso, um pouco da aposta da Teologia Feminista é o fator de contribuir com a mudança dessa sociedade.

Este relato revela, além da pluralidade religiosa, uma vertente do feminismo que tem como suporte elementos religiosos.

Medicina

No território da prática, ou seja, das políticas públicas de atendimento, nos deparamos inevitavelmente com o corpo médico que atua nos casos que chegam aos serviços de saúde. As atitudes desempenhadas são tão díspares quanto a identidade das mulheres e homens que existem em nossa sociedade. A título de exemplo, recorreremos a uma das muitas matérias jornalísticas que remontam ao tema do aborto. Aqui, um caso em que o médico demonstra seu poder:

Depois de socorrer uma jovem de 19 anos com hemorragia pós aborto, o médico que a atendeu decidiu chamar a polícia.

A mulher ao hospital de São Bernardo do Campo (Grande São Paulo) na manhã de segunda (16) e, a tarde, saiu de lá presa. (Folha de S. Paulo, 21 de fevereiro de 2015)

Importa considerar o alcance da opinião de pessoas públicas, como é o caso do médico Drauzio Varela que, a despeito de opiniões controversas, encontra espaço em meios midiáticos. Em seu site, afirma:

Desde que a pessoa tenha dinheiro para pagar, o aborto é permitido no Brasil. Se a mulher for pobre, porém, precisa provar que foi estuprada ou estar à beira da morte para ter acesso a ele. Como consequência, milhões de adolescentes e mães de família que engravidaram sem querer recorrem ao abortamento clandestino, anualmente.

<https://drauziovarella.com.br/mulher-2/gravidez/a-questao-do-aborto/>

A questão de classe é sentida na prática, como indica uma de nossas colaboradoras, cujo cotidiano de obstetriz revela:

Há um julgamento por trás de tudo isso que independe da certeza de que foi um aborto induzido. Se é uma adolescente negra, é como se estivesse implícito. Enquanto se é uma mulher de classe média ou alta, com algum grau de formação, o tratamento é outro. O que vale é a impressão que se tem da situação. Em qualquer consulta, é feita a anamnese em que se pergunta o antecedente obstétrico da mulher, se tem filhos, quantos, se já teve algum aborto e isso contribui para este tipo de julgamento.

Nosso estudo, contudo, apontou para situações que extrapolam o perfil comum entre pesquisadores que se debruçam sobre o tema do aborto. Uma de nossas colaboradoras, uma jovem universitária que se viu diante da necessidade de interromper a gravidez e buscou apoio no serviço médico disponível, relatou:

De repente veio um médico... O mais escroto dos médicos! Acho que é aquele que vai vendo todos os pacientes... Ele foi colocar o dedo na minha vagina, achei que ia fazer o exame de toque ou coisa assim... Mas estava tão dilatado que ele colocou a mão inteira! Tirou o feto, ou o embrião, e nesse momento eu fechei meus olhos... E ele queria porque queria me mostrar... Ele falava: "Olha aqui seu filho! Olha aqui!". Eu não abri os olhos, não olhei... Mas ele queria me mostrar! Me senti violentada, apesar de ter cometido uma violência... Um lugar onde deveria ter gente preparada, Mas eles abominam quem faz isso...

Fica explícita a vulnerabilidade das mulheres, seja qual for sua classe social ou formação, diante do poder médico, moral e preconceituoso que persiste mesmo com os debates atuais sobre o tema.

Pessoas

Para além das discussões que envolvem aspectos institucionais, é possível contemplar ambientes outros que revelam a cotidianidade e o quanto o tema do aborto mexe com a vida social.

Para sugerir reflexões, nos basearemos em uma postagem da rede social Facebook, onde o mote para a discussão desencadeada partiu de uma mulher:

Ontem meu marido falou uma frase bem coesa... "seu eu der uma facada na barriga de uma grávida e matar o bb sou um assassino pois tirei uma vida, mas se ela abortar não é crime ,é uma escolha " !!! ... Eu Concordo... ambos seriam assassinos...
(Mulher 1)

Os comentários seguintes, apresentados sem identificar a autoria revelam opiniões que se misturam e disseminam sem controle científico:

Mulher 2: São coisas incomparáveis! Uma mulher que não pode ou não quer levar adiante uma gravidez não deveria ser punida assim pela sociedade, sendo vista como assassina. Quem pode ter uma maternidade desejada ótima, mas que as pessoas que

não se sentem preparadas possam ter pelo menos direito ao seu próprio corpo.

Mulher 3: Engraçado, né? Pq faz filho então para tirar a vida de um anjinho... Então não faça.

Homem: Independente de quem seja, a mãe ou um agressor, a conclusão final será a mesma, uma vida tirada.

Mulher 4: Só tenho a dizer: Mulher, então não transa já que não quer se prevenir! Esse tipo que acha que é coisa normal, deveria ter sido abortado.

Por que isto não é uma partida de futebol

Não há vencedores e perdedores. Não há torcida – ou há? Quais são os times?

Ao falar sobre aborto, falamos sobre a vida... Falamos de vidas... Da (sobre)vida... Não importa o que as opiniões reverberam, o que as leis postulam, o que as estatísticas comprovam, o que as políticas públicas contemplam... As vidas no jogo estão à mercê do juiz... E quem julga não é simplesmente quem faz acontecer a lei ou mesmo quem as elabora... Quem sofre as punições nem ao menos sabe as regras do jogo... Nesta disputa, não há quem ganhe...

Conclusão

Entre dados e subjetividades, percebemos que os dados informam, enquanto as vidas escorrem pelas veias do não dito, do segredo, do escondido... Continuam acontecendo os abortos e não importa se é um milhão. Contrariar dogmas, tabus e imposições continuará a ser tarefa miúda, sem placar.

O resultado do jogo?

Quem tem coragem de apostar?